



**A FORMAÇÃO EX-CÊNTRICA DE KAMBILI EM *HIBISCO ROXO* DE
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**
*THE ECCENTRIC FORMATION OF KAMBILI IN PURPLE HIBISCUS BY
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE*

Maria Tereza Costa de AZEVEDO¹  

RESUMO: A estética pós-moderna pode ser compreendida pelo significativo teor desconstrutivo e isto é observado na diluição de padrões artísticos e literários, sobretudo quando são postos em evidência questões de raça, classe, gênero, ou ainda, nação. É pelo viés da desconstrução de paradigmas que esta pesquisa se direciona, ao analisar a obra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie intitulada *Hibisco Roxo* (2011) na qual narra o processo de formação da adolescente Kambili e a tímida resistência cultivada na menina que ao fim aponta para sua possível emancipação. Deste modo, analisamos como se dá o processo de formação e de-formação ocorrido em sua trajetória, que além de desconstruir a formação padrão de perfectibilidade propagada pelo modelo literário tradicional, o *Bildungsroman* (Romance de Formação), subverte-o para a perspectiva ex-cêntrica de uma menina, nigeriana e que sofre com as heranças tristes do colonialismo e do patriarcado. Para isto, nos embasaremos nos estudos sobre o *Bildungsroman* e a mudança cronotópica sofrida pelo gênero literário nos trabalhos de Bakhtin (1992), Cristina Ferreira Pinto (1990) e Wilma Patrícia Maas (2000); sobre o conceito de ex-centricidade nos pautamos nos estudos da crítica literária Linda Hutcheon (1988) e sobre a Emancipação nos valem das discussões presentes em Kant (1783) e Adorno (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Bildungsroman; Hibisco Roxo.

ABSTRACT: Postmodern aesthetics can be understood by its significant deconstructive content and this is observed in the dilution of artistic and literary standards, especially when issues of race, class, gender, or even nation are highlighted. It is through the deconstruction of paradigms that this research is directed, by analyzing the work of the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie entitled *Hibisco Roxo* (2011) in which she narrates the formation process of the teenager Kambili and the shy resistance cultivated in the girl that in the end points out for their possible emancipation. In this way, we analyze how the process of formation and de-formation occurs in its trajectory, which in addition to deconstructing the standard formation of perfectibility propagated by the traditional literary model, the *Bildungsroman* (Formation Novel), subverts it to the ex-perspective -centric of a girl, Nigerian and suffering from the sad legacies of colonialism and patriarchy. To do this, we will base ourselves on studies on the *Bildungsroman* and the chronotopic change undergone by the literary genre in the works of Bakhtin (1992), Cristina Ferreira Pinto (1990) and Wilma Patrícia Maas (2000); on the concept of eccentricity we are guided by the studies of literary critic Linda Hutcheon (1988) and on Emancipation we draw on discussions present in Kant (1783) and Adorno (1995).

KEYWORDS: Training; Bildungsroman; Hibisco Roxo.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPA). E-mail: mariaterezadeazevedo@gmail.com

A formação ex-cêntrica

A temática da formação, entendida neste trabalho como rito de passagem, período em que se vive um processo de aprendizagem, seja no âmbito escolar, de construção do conhecimento ou de autoconhecimento acerca da condição humana, individual ou coletiva dos personagens é o cerne desta pesquisa. Ao analisar os registros deste processo e sua recorrente representação pela literatura, chega-se à constituição de um subgênero do romance denominado *Bildungsroman* - do alemão, Romance de Formação - modelo literário em que se narram os processos vividos pelos indivíduos no rumo de seu amadurecimento, expondo, desta maneira, a formação pela qual os protagonistas das obras são submetidos.

O surgimento deste conceito literário está diretamente relacionado ao movimento de formação que se estabeleceu na Alemanha do século XVIII, *Bildung* - possivelmente traduzido como formação, a incerteza desta tradução é justamente porque era um movimento de formação específico daquele espaço-tempo. A emergente burguesia buscava formar sua população, impulsionando métodos educativos que contemplassem as diversas modalidades do conhecimento, propondo uma educação artística, filosófica, moral, além da técnica desejada para os ofícios. Situando o conceito de *Bildung* naquele contexto, MOLLMANN (2011) afirma que:

As teorias clássicas da *Bildung* são uma resposta à situação histórica daquela época. Uma época em que a sociedade burguesa se liberta do feudalismo e dos regimes absolutistas, em seu ápice durante a Revolução Francesa. Há a reivindicação de direitos e liberdades para a burguesia e, ao mesmo tempo, o início do desenvolvimento técnico-industrial. No iluminismo ocorre a secularização progressiva, e o homem é identificado pela sua capacidade racional. (MÖLLMANN, 2011, p. 17)

Foi, portanto, do movimento da *Bildung* que derivou o *Bildungsroman*, logo, este modelo de romance foi baseado no que se almejava para a população alemã daquele tempo. Categorizaram um subgênero literário que se assemelhava ao processo ansiado pela classe burguesa. O arquétipo deste modelo se consagrou a partir da obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* do escritor alemão Goethe na qual o autor narra o processo formativo do jovem burguês que em sua formação visava a ascensão social através da valorização da racionalidade, além da constante busca pela “perfectibilidade”, no sentido do aprimoramento das potências humanas.

Poderá ser chamado de *Bildungsroman*, sobretudo devido a seu conteúdo, porque representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade [...]. Como obra de tendência mais geral e mais abrangente da bela formação do homem, sobressai-se *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, obra duplamente significativa para nós, alemães, pois aqui o poeta nos oferece, no protagonista e nas cenas e paisagens, vida alemã, maneira de pensar alemã, assim como costumes de nossa época. (MORGENSTERN, 1988, p. 46)

No entanto, segundo Vilma Patrícia Maas em *O Cânone Mínimo: O Bildungsroman na História da Literatura*, a partir do século XX, “as condições históricas que sustentavam o grande projeto burguês esfacelam-se, ao mesmo tempo em que a personalidade individual se descobre fragmentária” (MAAS, 2000, p. 209). O projeto burguês de ofertar uma formação hegemônica e nacionalista, junto ao excesso de perfectibilidade que esteve atrelado ao movimento da *Bildung* não custou a ser visto como um desejo inalcançável. A multiplicidade formativa mostrou-se uma realidade, logo, os processos exemplificados nas obras literárias também se modificaram, reorganizando e atualizando o gênero literário às realidades espaciotemporais.

Neste trabalho buscaremos mostrar como a formação (*Bildung*), proposta pelas correntes iluministas da filosofia alemã do século XVIII e manifestada através do gênero literário, o *Bildungsroman*, sofreu modificações significativas quando comparada à formação na contemporaneidade, tempo em que se rompem os limites entre o que era tido como absoluto. Pois, se entende que os caminhos são múltiplos, as possibilidades são diversas e que o pensamento hegemônico, como modelo e determinação de padrões, já não cabe mais, a descentralização do pensamento é eminente.

Sobre as modificações advindas das movimentações de espaço e tempo, é possível apontar para o que o pensador Mikhail Bakhtin (1992) conceituou como movimentações cronotópicas. São as mudanças provocadas pelas ações do tempo e do espaço que alteram os discursos e suas representações na literatura. No caso do corpus selecionado, ocorre o deslocamento da Alemanha do séc. XVIII, período em que reinavam as correntes iluministas, para a Nigéria da pós-modernidade, tempo em que não há uma corrente filosófica preponderante, mas sim a coexistência de tantas vertentes do pensamento. Estas circunstâncias cronotópicas, ficcionais ou não, necessariamente alteram a forma e a temática do modelo literário já que abordam questões diferentes do conceito canônico e da situação em que foi criado o paradigma.

Do movimento de diluição de padrões e questionamento de imposições hegemônicas, discutidos na pós-modernidade, que surge o conceito de ex-cêntrico, traçado por Linda Hutcheon em *Poética do Pós-Modernismo* ao representar a insurgência do discurso de grupos sociais que estiveram historicamente postos à margem pela visão totalizante das instituições dominantes, seja no aspecto cultural, racial, de gênero, religião, nação e, por conseguinte, de formação.

O centro já não é totalmente válido. E, a partir da perspectiva descentralizada, o "marginal" e aquilo que vou chamar de "ex-cêntrico" (seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido. (HUTCHEON, 1991, p. 29)

Na pós-modernidade, a noção de centro como o padrão, observado no modelo canônico no qual traz como protagonista um homem branco europeu já não é absoluta, posto que na contemporaneidade outras vozes ecoam, sobretudo as vozes que estiverem silenciadas por tanto tempo. Muitos romances agora trazem os ex-cêntricos para este lugar de centro, se pondo nesta posição para questioná-la, para subvertê-la. Neste trabalho, o protagonismo é ex-cêntrico, pois se trata de uma mulher, negra, que vive num país colonizado, fatores que atualizam as temáticas que serão abordadas no romance de formação.

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie escritora da obra *Hibisco Roxo* evidencia a reorganização do paradigma literário ao trazer a formação de Kambili, uma protagonista nigeriana. O simples fato de ser mulher já subverte o paradigma, pois evidencia uma formação totalmente diferente do padrão canônico que é predominantemente masculino.

Cristina Ferreira Pinto em seu livro *O Bildungsroman feminino: Quatro exemplos Brasileiros* faz um apanhado da trajetória do termo em seu processo de adequação do gênero literário por parte das mulheres, em que visa compreender e propor a apropriação do *Bildungsroman* pela escrita feminina caracterizada como uma prática subversiva:

A literatura feminina se caracteriza também como subversiva ao adaptar ou reescrever temas e enredos tradicionalmente masculinos, invertendo a relação entre personagens, jogando o foco narrativo sobre um aspecto novo, estabelecendo perspectivas incomuns ou oferecendo uma visão alternativa da realidade: ou seja, a narrativa feminina, numa prática subversiva, apresenta uma revisão de gêneros masculinos e uma revisão da história, escrevendo-a de um ponto de vista marginal. (PINTO, 1992, p. 27)

Por muito tempo acreditou-se e foi estabelecido que a formação feminina, deveria ser para a servidão, para a maternidade, ensinavam regras de boas maneiras às meninas que se tornariam mulheres com o casamento e deveriam ser ensinadas aos cuidados com o lar. Era esta formação que o seu pai, Eugene, queria lhe dar, não para os cuidados com o lar, pois tinha boas condições financeiras e mantinha serviçais para esse serviço, mas para a subserviência, para o silenciamento dos desejos da filha, uma formação voltada para a submissão da menina, ensinando-a a obedecer ordens, jamais se questionar e este autoritarismo se estendia ao irmão Jaja e a mãe, Beatrice.

Eugene ou Papa, como chamava a adolescente, era filho de um senhor tradicionalista, que seguia a religião ancestral, não especificada na obra, mas sua formação foi atravessada pela colonização e catequização inglesa. Eugene foi formado por missionários cristãos que incutiram os preconceitos advindos do cristianismo com relação às religiões africanas, além de cumprir com a docilização almejada pela colonização Inglesa na Nigéria. Bem como podemos observar no seguinte trecho: “A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado. Disse isso de forma

gentil e indulgente, como se não fosse culpa de Papa, como quem fala de alguém que tem um caso grave de malária e por isso grita coisas sem nexos.” (ADICHIE, 2011, p. 20).

Kambili, a princípio, acredita que esta é a formação ideal e que deve sempre acatar aos mandos do pai, deste modo, sua formação segue sendo orquestrada pelos interesses dele. A menina e o irmão Jaja eram obrigados a cumprirem os horários previstos, deviam ser disciplinados e sempre participar dos rituais católicos, além de estarem em primeiro lugar na média de sua turma na escola, caso contrário eram castigados violentamente.

A ruptura com esta maneira de vida principia quando a menina passa a se questionar sobre as atitudes do pai consigo mesma, mas, principalmente com relação a maneira com que o pai tratava a mãe e o avô Papa-Nnukwu, considerado pagão por Eugene e impedido de visitar sua casa. Um fator importantíssimo para esta cisão foi a vivência com a tia Ifeoma e seus primos em Nsukka, cidade onde se situa a universidade cuja tia era professora.

Os períodos em que Kambili e Jaja estiveram com a tia foram fundamentais porque foi nesta vivência que eles puderam presenciar outras formas de vida, muito mais simples e contrárias a que tinham com o pai, com amor, com atenção e afeto. Além de algo que chamou a atenção de Kambili que foi o barulho que a tia e os primos faziam, enquanto em casa, com o pai, a adolescente era silenciada junto ao irmão e a mãe. “Eu observava cada movimento dela sem conseguir desviar os olhos. Era por causa da coragem que ela transmitia, evidente em seus gestos enquanto falava, na maneira como sorria para mostrar o espaço entre os dentes”. (ADICHIE, 2011, p. 85).

A tia também tinha um posicionamento diferente do pai, era professora da faculdade e sua forma de educar os filhos era marcada por uma experiência de muita escuta, de diálogo. Mesmo que Eugene e Ifeoma tivessem tido uma formação parecida, a tia nunca deixou de estar com Papa-Nnukwu, este era um dos motivos pelos quais os irmãos brigavam e que os afastou por bastante tempo. Ifeoma representa uma mulher que mesmo com tantas dificuldades conseguiu se emancipar e tentava mostrar aos filhos como a vida pode ser boa mesmo nas adversidades, que a cultura e a religiosidade local deveriam ser exaltadas, jamais vistas como algo pejorativo. Ela ensinou os filhos a amarem o avô independente de sua religião e isto intrigava Kambili, já que o pai só permitia que os filhos o vissem por quinze minutos uma vez ao ano, no Natal. A educação que Ifeoma dava aos filhos era para a libertação, para o entendimento das catastróficas heranças do colonialismo e para que eles, em liberdade e seguros de si, fizessem suas próprias escolhas. “Eram meus primos que falavam quase tudo, enquanto tia Ifeoma apenas olhava, comendo devagar. Ela parecia um técnico de futebol que treinara bem seu time e estava satisfeita em ficar no banco, só assistindo” (ADICHIE, 2011, p. 131).

A adolescente se liberta deste silêncio e constante medo, de forma trágica. Quando sua mãe, cansada de ser violentada, decide por envenenar o marido. Enquanto os filhos estavam na casa da tia, Beatrice pingava gotas de um veneno que conseguiu com a governanta da casa.

Depois deste trágico acontecimento, Kambili passa a se ver livre e consegue se comunicar com o irmão e a mãe, num diálogo que ela chama de “silêncio diferente”. “O silêncio paira sobre nós, mas é um tipo diferente de silêncio, um que me permite respirar. Tenho pesadelos sobre o outro tipo, aquele que existia na época em que Papa estava vivo” (ADICHIE, 2011, p. 319).

Daí em diante, Kambili pôde pensar no futuro, na universidade que gostaria de ir e se preparar para os desafios que enfrentaria “as novas chuvas vão cair em breve” (ADICHIE, 2011, p. 321).

O que neste trabalho é chamada de formação ex-cêntrica, em hipótese, pode ser considerada uma formação marcada pela violência física ou psicológica, mas também pelo dessilenciamento, pelo enfrentamento. Kambili, não necessariamente enfrenta o pai, mas ela se questiona sobre as regras da formação que recebe, além de questionamentos sobre a condição colonial.

A adolescente se forma ao se transformar, se “de-formar”, mudar a forma anterior e, neste caso, subverter a formação imposta pelo pai, a partir da emancipação da sua consciência. Mesmo que ainda apegada a alguns fatores de sua formação, como a religião, a adolescente passa a ter o poder de fazer suas próprias escolhas, tendo a “liberdade para ser, para fazer” (ADICHIE, 2011, p. 22)

Segundo Andréia da Silva a “de-formação” é uma formação representada na literatura “de maneira a apresentar-se como *uma tendência à dissolução caricatural da concepção clássica de formação*” (SILVA, 2018, p. 81, grifo da autora). A pesquisadora se vale do exemplo do personagem Riobaldo na obra *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa em que narra o processo de formação do protagonista evidenciando que ele se forma suprimindo-se, devido aos fatores condicionantes como a violência, oriunda das relações de força e poder na região sertaneja.

O caminho traçado por Silva em direção à “de-formação” como parâmetro para a transgressão do maniqueísmo nos mostra que a formação constituída fora de padrões educacionais pré-determinados não exclui a formação exemplar e positiva entendida pela *Bildung*, mas está além, subverte os padrões e tateia a formação possível e, sobretudo, alternativa, especialmente quando se encontra inserida em contextos totalizantes. As limitações impostas sobre o processo de formação dos protagonistas inseridos em sociedades em que há restrição ao processo educativo formal, como o propagado pela ideologia da *Bildung*, este processo de formação como propagação do ideal de perfeição dá lugar às “de-formações” do protagonista.

Este conceito corresponde não só ao personagem que se aventura perante as adversidades, mas, sobretudo, ao que mesmo tendo a educação formal, optou ou foi forçado a buscar uma formação que contemplasse suas aspirações e desejos de auto realização independente das imposições das instituições. Em outras palavras é aquele que, em menor ou maior grau, “de-formou-se”, tomando em algum momento um atalho em relação à ordem. Esse caminho alternativo pode ser interpretado como uma transformação, uma revisão daquela formação imposta, idealizada e limitada, pois a hegemonia não permite as diferenças, reportar esta diversidade leva o leitor ao questionamento sobre as diversas formações, além de expor as condições da educação ofertada e a dinâmica do personagem frente a essas situações.

A formação ex-cêntrica, dos grupos marginalizados, composto por mulheres, negros, homossexuais, latinos, entre outros, geralmente é dada entre conflitos, sejam nacionais (golpes de estado e guerra civil, como no caso da Nigéria em *Hibisco Roxo*), conflitos familiares como tratamentos violentos e silenciamentos. Uma formação nada linear como a proposta pelo paradigma literário.

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções - como, por exemplo, as de gênero - começam a ficar visíveis (Derrida 1980; Hassan 1986). A homogeneização cultural também revela suas rachaduras, mas a heterogeneidade reivindicada como contrapartida a essa cultura totalizante (mesmo que pluralizante) não assume a forma de um conjunto de sujeitos individuais fixos (cf. Russell 1985, 239), mas, em vez disso, é concebida como um fluxo de identidades contextualizadas: contextualizadas por gênero, classe, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação, função social etc. (HUTCHEON, 1991, p. 85)

Os personagens com perfis ex-cêntricos tomam a representação de centro para subvertê-lo, contestá-lo, enquanto lugar de exemplar existência, no sentido de demonstrar aos leitores suas construções individuais a partir de seus contextos, sejam elas de gênero, classe, raça. Estes exercícios de descentralização e recentralização existem justamente porque a construção ficcional de centro, que foi negado aos ex-cêntricos, é uma maneira de organização social e também a raiz da marginalização de indivíduos, grupos sociais e etnias.

Considerações finais

Kambili não poderia mudar seu passado, mas poderia se tornar autora de seu futuro, saindo da condição de submissão e se colocando no centro do discurso para questionar suas bases, sua formação. A vivência com a tia permitiu que a adolescente se conscientizasse de si, que se percebesse

enquanto mulher nigeriana e sua potência, de que ela deve trilhar seu próprio caminho, ao experimentar um pouco da educação libertadora e esclarecedora que Ifeoma proporciona aos primos.

Percebi que era isso que tia Ifeoma fazia com os meus primos, obrigando-os a ir cada vez mais alto, graças à forma como falava com eles, graças ao que esperava deles. Ela fazia isso o tempo todo, acreditando que eles iam conseguir saltar. E eles saltavam. Comigo e Jaja, era diferente. Nós não saltávamos por acreditarmos que podíamos; saltávamos porque tínhamos pânico de não conseguir. (ADICHIE, 2011, p. 238)

Numa relação direta ao título do livro, é possível levantar a hipótese de que o processo formativo da menina se modifica tal qual a muda de hibiscos dada pela tia e plantada pelo irmão. O princípio da ruptura pode ser interpretado no momento inicial da obra que é *in médias res*, ao seja, no meio da narrativa, se for levado em consideração o tempo cronológico, a menina diz que “os arbustos de hibisco roxo começaram a florescer lentamente, porém, a maioria das flores ainda era vermelha” (ADICHIE, 2011, p. 15). Como se o vermelho representasse o sangue derramado pelo pai em muitos momentos de violência física descritos na obra e que ao se arroxear estancavam esta dor.

É possível dizer que a convivência com sua tia simboliza esta mudança, pois é ela quem mostra um novo caminho para a menina, mesmo que indiretamente, suas atitudes é que a permitiram enxergar outras possibilidades. Um florescimento tortuoso, mas que possibilita a Kambili uma esperança para refazer sua vida, para recriar o futuro longe da perseguição do pai.

Um fator que ainda está em análise e que será amadurecido nas próximas etapas deste trabalho é a caracterização do que foi denominado como formação ex-cêntrica. A noção de “deformação” talvez seja o direcionamento para esta categorização, pois, é este o processo que os ex-cêntricos talvez estejam inseridos. A formação ex-cêntrica pode ser entendida como o dessilenciamento, a quebra de ciclos de submissão, a busca pelo auto entendimento e por ressignificar a formação que tiveram a fim de contemplar a individualidade e identidade de cada personagem ou grupo social em seus respectivos contextos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAKHTIN, Mikahil. **O romance de educação na história do realismo**. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 223-276.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O Cânone mínimo**. O *Bildungsroman* na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MÖLLMANN, Andrea Dorothee Stephan. **O Legado da Bildung**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, Andréa Paula da. **O Bildungsroman e a Inexistência de um Estado De Direito No Sertão Rosiano De Grande Sertão: Veredas**. Dissertação de mestrado, Universidade da Paraíba, João Pessoa, 2018.

Como citar este artigo

AZEVEDO, Maria Tereza Costa de. A formação ex-cêntrica de Kambili em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 21-29.